



# A democracia defende-se nas ruas

► **As elites transformaram o jogo em um processo incerto com resultado certo, a favor de seus interesses**

**E**m vários países estão a ocorrer protestos nas ruas para defender a democracia e lutar por direitos violados, direitos esses quase sempre consagrados na Constituição. Muitos desses protestos se dirigem contra políticos eleitos democraticamente, mas que têm exercido o cargo de modo antidemocrático, contra os interesses das maiorias, por vezes frustrando grosseiramente as expectativas dos cidadãos que votaram neles. São os casos de Brasil, Colômbia e Índia, e foram também aqueles de Argentina, Chile e Equador em anos recentes. Noutras ocasiões, os protestos visam evitar a fraude eleitoral ou fazer valer os resultados sempre que as elites locais e as pressões externas se recusam a reconhecer a vitória de candidatos sufragados pela maioria. Foi esse o caso do México, durante anos, o da Bolívia, em tempos recentes, e, agora, o do Peru.

À primeira vista, há algo de estranho nesses protestos, porque a democracia liberal tem como característica fundamental a institucionalização dos conflitos políticos, a sua solução pacífica no marco de procedimentos inequívocos e transparentes. Trata-se de um poder político que se conquista, se exerce e se abandona democraticamente, mediante regras consensualizadas. Merece, pois, indagar as causas que levam as classes populares a protestar fora das instituições, nas ruas, tanto mais que correm sérios riscos de enfrentar excessiva força repressiva. Há que

responder, ao menos, a uma questão. Por que se defende a democracia nas ruas?

Há algumas décadas não se imaginaria que as maiorias empobrecidas e discriminadas se mobilizassem nas ruas para defender a democracia. A democracia liberal, representativa, era um regime político ferreamente controlado pelas elites e classes dominantes, exercido exclusivamente para benefício próprio e dos seus aliados. Não havia qualquer expectativa que pudesse ser doutro modo. Quando se protestava, o protesto era violento, destrutivo ou em nome de soluções fora do marco democrático, ou seja, em nome da revolução. É verdade que a democracia liberal foi idealmente concebida como um sistema de governo assente na incerteza de resultados e na certeza dos processos (eleições, primado do direito). A certeza dos processos garantia que a incerteza dos resultados fosse igualmente distribuída por todos os cidadãos. Os processos certos permitiam que os diferentes interesses vigentes na sociedade se confrontassem em pé de igualdade e aceitassem como justos os resultados que decorressem desse confronto. Essa era a teoria, mas, na prática, as coisas foram sempre muito diferentes, e hoje a discrepância entre teoria e prática atinge proporções perturbadoras.

**Durante muito tempo** as maiorias viram a democracia de pernas para o ar: um sistema de processos incertos cujos resultados eram certos, sempre ao serviço dos interesses das classes dominantes. Por isso, as maiorias, quando politizadas, dividiam-se entre os grupos que queriam fazer valer os seus interesses por outros meios que não os da democracia liberal (por exemplo, a revolução), e os grupos que lutavam por ser incluídos formalmente no sistema democrático. Perante isso, as

elites usaram duas estratégias. Por um lado, reprimiram brutalmente a alternativa revolucionária e procuraram apagá-la da memória popular, o que conseguiram em 1989 com a queda do Muro de Berlim. Irreversivelmente? Eis a questão.

Por outro, fizeram concessões, quer no que respeita ao acesso à luta democrática (sufrágio), quer no elenco dos direitos a que se poderia ter direito por via democrática. As maiorias, antes excluídas, começaram a ter expectativas positivas em soluções democráticas. Mas as elites e classes dominantes sempre reservaram para si o privilégio de manipular os processos, desde que os resultados fossem demasiado ameaçadores para seus interesses. E assim começaram a proceder nos anos mais recentes. Para eliminar a incerteza dos resultados, acabaram por destruir a certeza dos processos (fraude eleitoral, financiamento ilegal de campanhas, *fake news*, discursos de ódio nas redes sociais etc.). Ao poderem ser manipulados por quem tivesse poder social e econômico, os processos democráticos, supostamente certos, tornaram-se incertos. Com isso, deu-se a inversão da democracia: processos incertos para resultados certos.

A expectativa democrática das maiorias está cada vez mais assombrada pela frustração e pela indignação. Começa a ser evidente que a democracia liberal continua a ser na prática o que sempre foi: um governo de minorias para benefício das minorias. A rua é a expressão dessa evidência. Tendo perdido a capacidade e mesmo a memória de uma alternativa à democracia liberal, que esperança podem ter no sistema democrático liberal? Haverá na democracia um embrião de genuinidade que possa ser recuperado contra aqueles que a transformaram numa farsa cruel? •

[redacao@cartacapital.com.br](mailto:redacao@cartacapital.com.br)